

190 Pataxó, a miséria como realidade

“Céu, sol, mar azul, coqueiros, monumentos históricos, cidade alta e cidade baixa, a gente simples e amiga, os índios pataxós, o comércio e os bares, restaurantes, bons hotéis, camping... tudo num clima de muita paz e harmonia vivido pela população alegre que frequenta essa cidade durante todos os períodos do ano”.

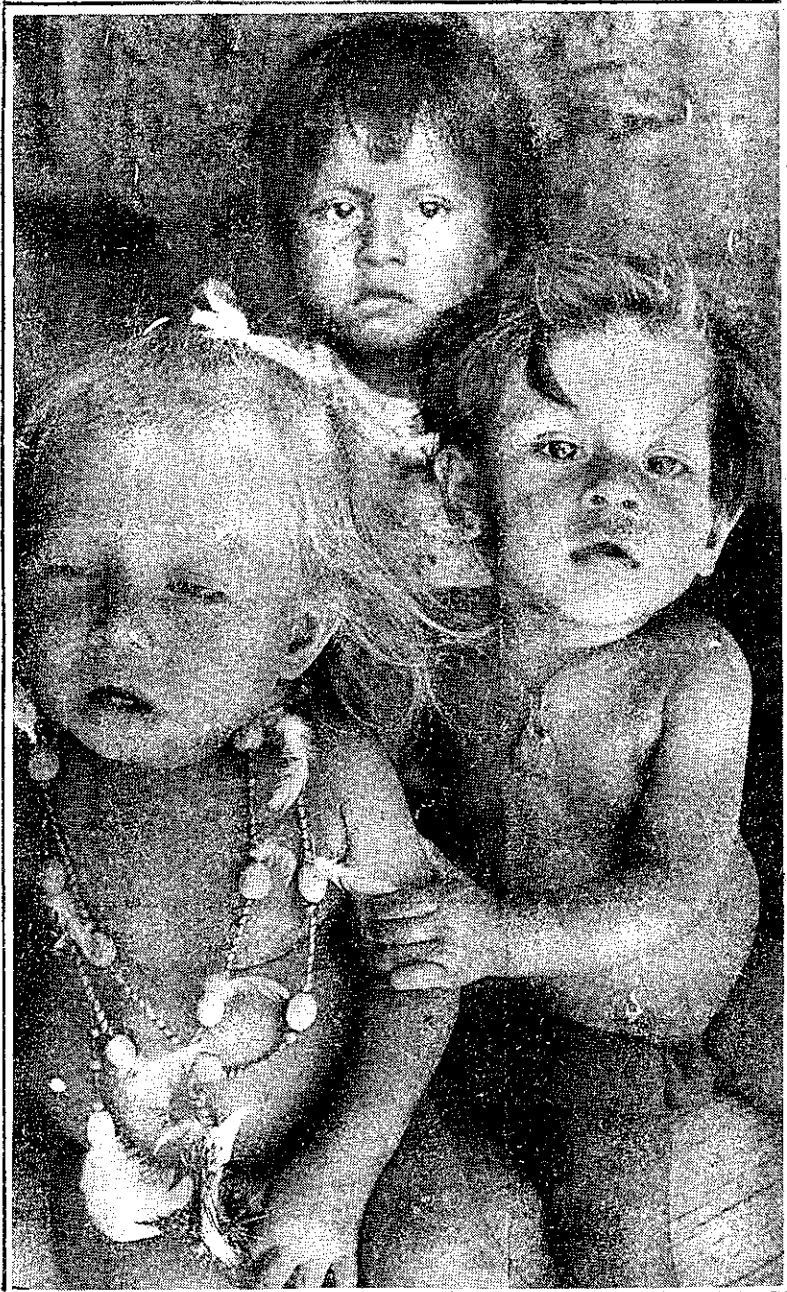
Nesse paraíso inesquecível — levado à quatro cantos do mundo pela Bahiatursa em seus folhetos como “Bahia, Porto Seguro. Aqui Começa o Brasil” — um quadro que deveria envergonhar um Estado que tem o turismo como uma das maiores divisas: a dramática situação de sobrevivência dos índios pataxós, fotografados por milhares de turistas, sobretudo estrangeiros. Se as autoridades do setor de turismo não sabem, a grande maioria deles miram suas lentes para o ângulo da miséria, do estado de abandono em que vivem, especialmente os que moram em Coroa Vermelha.

Ali, tendo a cruz (símbolo da celebração da primeira missa do Brasil) como testemunha, eles vivem de modo subumano nas cabanas, enfrentando todas as carências. A maior delas, a terra, que necessitam para arar e cultivar. Mas a realidade é que são obrigados até a comprar o material — todo ele retirado do mato — para confecção do artesanato, das fazendas. Nas granjas, adquirem penas de galinhas (brancas) para tinturá-las e melhor colorir às flexas, arcos... que os turistas compram por uma ninharia.

A renda é “aumentada” com os “caiambás” que as crianças, orientadas pelos pais, pedem aos visitantes. Crianças desnutridas, barrigudas (inchadas com a farinha de mandioca com água e verminose). Aqueles rostos lindos, porém marcados pela fome, pela humilhação de serem consideradas inoportunas quando estendem a mão para pedir dinheiro dos brancos.

O espírito de união é que minora o drama das famílias. Quando uma consegue vender artesanatos, num dia de maior movimento, compra alimentos (em Porto Seguro o custo de vida é alarmante) e, com eles, faz o milagre de alimentar dezenas de crianças e vários adultos. A família de Graça, uma índia bonita, simpática e de rosto triste, faz isto constantemente.

O índio Itambé — “aquele que deu o presente ao Papa” — não sabe mais a quem apelar para conseguir terra para trabalhar — vive a eterna esperança da Funai resolver a demarcação. Ele sempre vem a Salvador vender seu artesanato (vestido à caráter) chamando atenção dos brancos que de longe, estão de imaginar — ou tomar consciência — de como ele e seus irmãos de raça vivem em Coroa Vermelha. Ele quer um barco para pescar... quer viver dignamente com sua velha mãe Iambé seus filhos, sua comunidade. Quer terra que só a ele, aos Pataxó, Kiriri, Guarani, Xavante, Xingu, Hã-Hã-Hãe, Pankararé... e outras tribos indígenas que conseguiram resistir ao genocídio, pertence. (Maria Isabel — jornalista)



CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Journal de Bahia

Class.:

Data:

30/10/83

Pg.: